

# Capítulo 12

## *Associativismo e mercados locais: Estratégias de resistência de agricultores urbanos da Zona Oeste do Rio de Janeiro<sup>1</sup>*

*Lara Angelo Oliveira*

*Lucimar Santiago de Abreu*

**Resumo:** A Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro foi, por muitos anos, a principal responsável pelo fornecimento de gêneros alimentícios à capital. Com a intensa urbanização, a região vem sofrendo pressões e se transformando, entretanto, há produtores rurais familiares que resistem ao processo. Este trabalho desenvolveu-se a partir da experiência de um grupo de produtores da Associação de Agricultores Orgânicos de Vargem Grande. O objetivo é compreender em que medida o fortalecimento de ações coletivas, contribui para a reprodução social e cultural desses agricultores. Descrevemos o contexto da região, os atores da pesquisa, as condições da experiência e, por fim, benefícios e dificuldades relativas ao processo de organização para a venda em circuitos curtos. A pesquisa adota abordagem qualitativa da sociologia compreensiva, através de entrevistas orais e observação participante. Concluímos que a lógica social que organiza as estratégias dos produtores se desenvolve, principalmente, pela capacidade de cooperação do grupo em torno de objetivos comuns, fruto da experiência social associada à venda direta para o consumidor.

**Palavras-chave:** agroecologia; circuitos curtos; reprodução social; organização social.

<sup>1</sup>Versão ampliada do resumo apresentado no IX Congresso Brasileiro de Agroecologia – Belém/PA (28/09 a 01/10/2015).

## 1. INTRODUÇÃO

A área de estudo está localizada no município do Rio de Janeiro, com uma população de mais de três milhões de habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Possui a maior reserva florestal localizada em área urbana do mundo, o Parque Estadual da Pedra Branca, situado na Zona Oeste da cidade (12.500 hectares de extensão) (IBGE, 2010).

Figura 1: Mapa do Maciço da Pedra Branca e os bairros do entorno



Adaptado de: Google Earth (acesso em 18/11/2016).

Em função do seu passado rural, a Zona Oeste do Rio de Janeiro abriga uma região conhecida também como "Sertão Carioca" (Prado & Mattos & Fernandez, 2012). Até os anos 60, ela foi considerada a principal área agrícola de abastecimento da cidade, quando se iniciou o processo de zoneamento e a rápida urbanização (Alem 2010 *apud* Prado, 2012). Nesse período, a Secretaria de Agricultura do município foi extinta e sua Zona Rural transformada em Zona Oeste.

No livro intitulado "O Sertão Carioca", Corrêa (1936) retrata o isolamento do local - devido à distância ao centro populoso e à dificuldade de condução -, a simplicidade e a interação profunda dos habitantes com a natureza. O autor relata que o sustento dos pequenos produtores da região dependia da venda de produtos agrícolas e outras mercadorias nos núcleos de comércio e povoamento (Corrêa, 1936). Entretanto, apesar da relativa proximidade física e econômica da cidade ter garantido a vitalidade das atividades desses produtores, a intensa urbanização vem transformando ainda mais a região e trazendo dificuldades para a atividade agrícola.

Nas últimas décadas, diversos autores têm buscado aprofundar a complexidade da relação rural e urbano, cujos limites são cada vez mais difíceis de serem determinados. Segundo Graziano da Silva (1997), a diferença entre rural e urbano é cada vez menos importante e esses só podem ser entendidos como uma continuidade do ponto de vista espacial. O autor defende que, se tratando da organização da atividade econômica, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, tampouco o ambiente rural com a agricultura e a pecuária.

De acordo com Monteiro (2002), apesar de a agricultura urbana estar recebendo maior atenção na última década, há ainda grande escassez de pesquisas e publicações nessa área. O conceito de agricultura urbana é recente e está em construção. Alguns autores definem agricultura urbana e periurbana como atividades de produção, transformação e prestação de serviços que geram produtos agrícolas e pecuários voltados para o autoconsumo, trocas, doações ou comercialização, vinculadas às dinâmicas urbanas e articuladas com a gestão territorial e ambiental das cidades (SANTANDREU & LOVO, 2007).

A agricultura urbana de base ecológica pode se apresentar como uma alternativa à crise gerada pela expansão das cidades, especialmente quanto aos fatores relacionados a alimentação, saúde, meio ambiente e geração de renda, além de contribuir para a segurança alimentar e nutricional dos indivíduos. Quando comercializada em mercados locais, favorece o consumo de alimentos frescos, saudáveis, regionais e da estação, assim como reduz os gastos com transporte, armazenamento e conservação dos alimentos. Contudo, a diversidade dos tipos de agriculturas praticadas na cidade representa um desafio para a elaboração de políticas públicas, agravado pela escassez de informações sobre essas experiências. Conhecer e reconhecer as experiências e práticas agrícolas no meio urbano é essencial para a elaboração de políticas públicas para o fortalecimento dessas agriculturas.

Nossa pesquisa parte da perspectiva de transformação local, para descrever as mudanças que ocorreram a partir da formação da Associação dos Agricultores Orgânicos de Vargem Grande (Agrovargem), buscando compreender as potências e as dificuldades dos produtores desta organização social que, na luta para garantir a sobrevivência de suas famílias, buscam alternativas econômicas na grande metrópole do Rio de Janeiro. Partimos da premissa que a organização associativa fortalece as experiências individuais inspiradas na visão agroecológica e viabiliza o acesso ao mercado destas famílias produtoras urbanas, através de circuitos curtos de comercialização.

Focalizamos o trabalho no grupo de produtores do Maciço da Pedra Branca que participa da Agrovargem, cujo perfil varia entre agricultores que apresentam uma produção expressiva e aqueles que produzem para autoconsumo em seus quintais, característica primordial da produção familiar.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem teórica e metodológica das ciências sociais, denominada sociologia compreensiva (matriz teórica Max Weber). Visa compreender o processo de construção da experiência social local, a partir de entrevistas orais e observação participante. Esse trabalho corresponde à etapa inicial da pesquisa, denominada diagnóstico do desenvolvimento da agricultura urbana local. Para tal, foram realizadas visitas à área de estudo, além da participação em reuniões com o grupo social. Nesse momento da pesquisa, foram descritos os aspectos gerais e avaliada a situação do associativismo e do acesso ao mercado, no contexto dos agricultores familiares da região metropolitana do Rio de Janeiro. A observação participante foi desenvolvida a partir da presença em reuniões de planejamento e ação, espaços de diálogo e eventos, fomentados pela Rede Carioca de Agricultura Urbana e pelos próprios agricultores de Vargem Grande.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O universo social da pesquisa é constituído agricultoras e agricultores familiares da vertente Vargem Grande do Maciço da Pedra Branca, os quais se encontram numa situação específica: inseridos em uma área de proteção integral e sujeitos a políticas ambientais, além de integrados ao meio urbano, tanto fisicamente quanto em suas relações com o mercado (Fernandez, 2009). Para Queiroz (1978), foi à integração econômica e social dos pequenos produtores aos centros urbanos que garantiu, durante certo tempo, sua vitalidade.

Visando compreender as implicações da organização associativa para a melhoria da reprodução social dos agricultores de Vargem Grande, no âmbito da comercialização em circuitos curtos, resgatamos o processo de formação e evolução da organização Agrovargem.

A Agrovargem foi criada em Dezembro de 2007, a partir do engajamento dos agricultores nas atividades do Profito - Fiocruz, denominada inicialmente "Projeto de Plantas Medicinais no Entorno do Parque Estadual da Pedra Branca" e conta com 18 associados.

Além da luta pelo direito de uso da terra, no contexto de especulação imobiliária e de conflito com o Parque Estadual da Pedra Branca, a criação da associação favoreceu a aproximação dos agricultores ao manejo agroecológico e a construção de estratégias para a comercialização de seus produtos (Prado, 2012).

Anteriormente à formação da associação, a venda da produção desses agricultores era garantida, predominantemente, em circuitos com atravessadores e em grandes centrais de distribuição. Essa situação gerava precariedade do ponto de vista da renda, pois não conseguiam obter valores satisfatórios por seus produtos. Com a formação da Agrovargem, foi criado, em 2010, um ponto de venda de produtos orgânicos locais, cuja ocupação é feita em escala pelos associados, o que garantiu maior autonomia e renda a esses agricultores.

Figura 02: Agricultores de Vargem Grande comercializam bananas no ponto de venda local.



Fonte: O Globo, 10/01/2016.

Uma importante estratégia da agroecologia consiste na comercialização através de circuitos curtos. Segundo Darolt (2013), esses se destacam ao aproximarem produtores e consumidores. Para além do objetivo de gerar renda aos produtores, os mercados locais cumprem um importante papel ao dar visibilidade à agricultura que persiste no município, num contexto de disputa pela construção de representações sobre a cidade.

Com o intuito de garantir a sobrevivência familiar e das condições de trabalho, os agricultores escolheram diversificar os canais de comercialização. Entretanto, a identidade social desses produtores foi colocada em questão quando buscavam a emissão da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), que reconhece o indivíduo como agricultor perante o Estado, dificultando sua obtenção. Foi a partir de uma iniciativa denominada Mutirão Pró-DAP, articulada pela Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU), que foram levantadas as informações que poderiam enquadrá-los nos critérios do Pronaf e foi garantida a emissão de três DAPs, em junho de 2012. Esse resultado, em setembro do mesmo ano, na celebração do primeiro contrato de venda dos produtos de um agricultor da Agrovargem para alimentação escolar, através do PNAE (Prado & Mattos & Fernandez, 2012). A Rede CAU é um movimento social que agrega representantes de diversas organizações populares, instituições de pesquisa e ensino, bem como agentes não governamentais, para a defesa da agroecologia na cidade do Rio de Janeiro.

Até o ano de 2013, os agricultores da Agrovargem não possuíam certificação de seus produtos orgânicos. Nesse ano, foi iniciado o processo de certificação, com a criação de um grupo de Sistema Participativo de Garantia (SPG) da Rede CAU. Esse processo culminou na criação da Feira Orgânica da Freguesia, bairro que também está localizado na Zona Oeste da cidade, em agosto de 2013.

Ao longo da sua existência, a feira enfrentou inúmeros desafios para permanecer na rua, especialmente no que se refere à sazonalidade das vendas. Como resposta a essa dificuldade, foi criada a Cesta Verde, cujos itens seriam fornecidos por esses produtores. A cesta consistiu na entrega de produtos da agricultura familiar, mediante encomenda antecipada, aos consumidores de Vargem Grande. Devido à defasagem entre os produtos encomendados e aqueles que eram entregues, dentre outros fatores, as entregas tiveram fim em 2015. Entretanto, apesar das dificuldades, de acordo com uma das organizadoras da cesta, foi possível constatar a existência de demanda por produtos orgânicos no bairro. Além de contribuir para o fortalecimento da FAFRE, a cesta surgiu no contexto de mobilização para a criação de uma feira local em Vargem Grande.

Em 2014, os produtores da Agrovargem, junto a outros agricultores não associados, começaram a se reunir para viabilizar a criação dessa feira local. De acordo com uma produtora local, a criação de uma feira no bairro de Vargem Grande é um sonho antigo, inclusive, anterior à criação da FAFRE. Fruto de intensa mobilização, a Feira da Roça de Vargem Grande teve início em março de 2016.

#### 4. CONCLUSÕES

A prática agrícola na metrópole do Rio de Janeiro tem possibilitado a melhoria da alimentação e da renda oriunda da venda dos produtos aos consumidores urbanos. Foi possível constatar que a agricultura local de base ecológica busca alternativas para se fortalecer e criar condições para sua manutenção. Neste cenário, a organização social coletiva garante acessar o mercado alternativo com melhores condições de concorrência e, dessa forma, resistir aos processos de transformação urbana.

Assim, dada a importância da agricultura familiar, bem como da agricultura urbana para a sustentabilidade das cidades, urge a necessidade de reconhecer e fortalecer esses atores locais e suas práticas. Nesse sentido, é fundamental conhecer e considerar as peculiaridades das experiências agrícolas desenvolvidas no meio urbano, inclusive o caso de espaços inseridos nos limites de uma unidade de conservação. No sentido de fortalecer as práticas agroecológicas nesse contexto, é relevante a criação de linhas de crédito e políticas públicas que ofereçam assistência técnica para o aprimoramento da produção de base ecológica, que apoiem a organização dos produtores e que viabilizem comercialização em mercados diferenciados aos produtos agroecológicos.

#### REFERÊNCIAS

- [1] CORRÊA, A.M. O sertão carioca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.
- [2] DAROLT, M. R. Circuitos custos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. In: NIEDERLE, P. A., ALMEIDA, L. DE e VEZZANI, F. M. (Orgs.). Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba, Kairós, p. 139-170, 2013.
- [3] FERNANDEZ, A. Do Sertão Carioca ao Parque Estadual da Pedra Branca: a construção social de uma unidade de conservação à luz das políticas ambientais fluminenses e da evolução urbana do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.
- [4] GRAZIANO DA SILVA, J. O novo rural brasileiro. Nova economia, v. 7, n. 1, p.43-81, mai. 1997.
- [5] MONTEIRO, A. M. Agricultura Urbana e Periurbana: questões e perspectivas. Informações econômicas, v. 32, n. 6, 2002.
- [6] PRADO, A.P.; MATTOS, C.; FERNANDEZ, C.F. Agricultores do Maciço da Pedra Branca (RJ): em busca de reconhecimento de seus espaços de vida. Agriculturas, v.9, n.2, 2012.
- [7] \_\_\_\_ A Construção de modos de vida sustentáveis em torno da agricultura na cidade do Rio de Janeiro: agricultores do Maciço da Pedra Branca. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. UFRRJ, 2012.
- [8] QUEIROZ, M. I. P. de. Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.
- [9] SANTANDREU, A.; LOVO, I. C. Panorama da Agricultura Urbana e Periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção: identificação e caracterização de iniciativas de AUP Em regiões metropolitanas brasileiras. Documento referencial geral, versão final. Belo Horizonte: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS, 2007.